

## REVITALIZAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE LÍNGUAS ORIGINÁRIAS: O CASO TUPINAMBÁ, OLIVENÇA (BAHIA)

REVITALIZATION AND RECOVERY OF ORIGINAL LANGUAGES: THE TUPINAMBÁ CASE, OLIVENÇA (BAHIA)

REVITALIZACIÓN Y RECUPERACIÓN DE IDIOMAS ORIGINALES: EL CASO TUPINAMBÁ, OLIVENÇA (BAHIA)

Clara Carolina Souza Santos<sup>1</sup>

Karine Silva Porto<sup>2</sup>

### Resumo

Neste texto, apresentaremos as escolhas para uma ortografia Tupinambá, eleita em uma assembleia democrática e esclarecida, ocorrida em 2010, com lideranças e professores indígenas, na comunidade Tupinambá, Olivença – Bahia. Essa assessoria linguística foi requerida pela própria comunidade Tupinambá, obrigada a acolher a língua portuguesa em suas interações sociais, após um longo processo de conflito e opressão. A recuperação e revitalização linguística em uma comunidade busca inserir elementos da língua original nas escolas indígenas, ensinando a língua alvo (Tupinambá) em encontros quinzenais, voltados para a produção de material didático de uso escolar.

**Palavras-Chave:** Línguas Naturais; Tupinambá; Fonologia.

### Abstract

In this text, we will present the choices for a Tupinambá spelling, elected in a democratic and enlightened assembly, which took place in 2010, with indigenous leaders and teachers, in the Tupinambá community, Olivença - Bahia. This linguistic assistance was requested by the Tupinambá community itself, which was obliged to accept the Portuguese language in its social interactions, after a long process of conflict and oppression. The linguistic recovery and revitalization in a community seeks to insert elements of the original language in indigenous schools, teaching the target language (Tupinambá) in biweekly meetings, aimed at the production of didactic material for school use.

**Key words:** Natural Languages; Tupinambá; Phonology.

### Resumen

En este texto, presentaremos las opciones para una ortografía Tupinambá, elegida en una asamblea democrática e ilustrada, que tuvo lugar en 2010, con líderes y maestros indígenas, en la comunidad Tupinambá, Olivença - Bahía. Esta asistencia lingüística fue solicitada por la propia comunidad tupinambá, que se vio obligada a aceptar el idioma portugués en sus interacciones sociales, luego de un largo proceso de conflicto y opresión. La recuperación y revitalización lingüística en una

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística e Mestra em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente na Faculdade Santo Agostinho de Vitória da Conquista.

<sup>2</sup> Especialista em Paleontologia pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fundação Oswaldo Cruz. Docente na Faculdade Santo Agostinho de Vitória da Conquista.

comunidad busca insertar elementos del idioma original en las escuelas indígenas, enseñando el idioma de destino (Tupinambá) en reuniones quincenales, dirigidas a la producción de material didáctico para uso escolar.

**Palabras clave:** lenguas naturales; Tupinambá; Fonología.

## Introdução

Mais de noventa anos após o *Massacre do Cururupe*, fortalecidos para retomar sua cultura, sua língua e suas terras invadidas, os Tupinambás em Olivença reforçam o processo de revitalização da língua empenhados em instituir o ensino bilíngue nas escolas da área Indígena. O território requerido atualmente pelos Tupinambá de Olivença era, antes do século XVI, ocupado pelos Tupinaé. Em confronto com os Tupinambá, esses deixaram o território e se estabeleceram às margens do rio Maranhão e, assim, coube às centenas de vilas Tupinambás espalhadas pela costa brasileira a função de interagir com a cultura lusitana.

Em encontro realizado em 2010, o *C-Indy*, representantes da comunidade indígena Tupinambá de Olivença (Ilhéus/Bahia) solicitaram assessoria linguística a pesquisadores da UESB para contribuir com a revitalização e ensino bilíngue Tupinambá – Português em sua comunidade. Desde então, a professora Consuelo Costa coordena o *Projeto Tupinambá* responsável por prestar tal assessoria à comunidade, por meio de grupos de estudo do Tupi Antigo, oficinas de fonética e fonologia aos professores, bem como consultoria à elaboração de material didático.

Esta coarticulação entre ensino da língua Tupi nas escolas indígenas, preparação de material didático pensado dentro da escola a partir dos professores indígenas e aprimoramento do conhecimento acerca processos fonéticos e fonológicos da língua é fundamental para a recuperação e revitalização da língua Tupinambá no contexto escolar.

No *Projeto Tupinambá*, nos reunimos quinzenalmente na *Escola Estadual Indígena Tupinambá de Olivença (Escola Sapucaeira)* desde 2010, sendo que os professores indígenas que ministram suas aulas nas nucleadas deslocam-se até a escola principal. Nestes encontros na escola Sapucaeira, professores da comunidade, contando com nossa colaboração, discutem e estudam a língua Tupinambá e seus processos de ensino/aprendizagem.

Anterior à Assessoria Linguística do *Projeto Tupinambá*, um *Curso de Tupi* era ministrado na comunidade pelos professores das escolas. O livro de referência para este estudo era o *Curso Moderno de Tupi Antigo*, de Eduardo Navarro (2005), e, por isso, a primeira lição do livro, “*Chegaram os portugueses*”, foi estudada durante as oficinas oferecidas em 2011 na escola sede. Este manual, no entanto, é a) destinado a professores que já estejam familiarizados com algum estudo gramatical de alguma língua, o que não é o caso para todos os professores indígenas da escola e b) não cumpre o fim pedagógico de ensinar às crianças da escola estruturas da língua Tupinambá. Espera-se que, com o desenvolvimento de oficinas nas escolas, novos textos dos professores e dos alunos, bem como cantigas e mitos da comunidade, sejam integrados ao ensino da língua Tupinambá nas escolas.

A permanência das guerras aos indígenas por meios aparentemente pacíficos é história que, infelizmente, conta com grande documentação na historiografia brasileira. Isso não significa, entretanto, que os Tupinambás não tenham resistido (como é comum esta nação ser referida nas histórias desde os seiscentos). Uma das tentativas de revitalização de sua cultura e da língua dos seus ascendentes partiu da própria comunidade indígena que, tendo participado do encontro *C-Indy* na Universidade Estadual da Bahia, organizado pela professora Consuelo Costa, requisitaram um *Curso de Tupi*, a princípio na escola Sapucaeira, em Olivença, na intenção de implantar uma escola bilíngue.

Se por um lado é bem confortável pensarmos as instituições de ensino superior (e seus pesquisadores) como mediadores de saberes das nações indígenas, por outro a democratização deste saber construído nestas instituições não deixa de ser *atravessadora* daquele saber próprio que explica. Portanto, um uso mais democrático do espaço público universitário deve considerar usos mais justos também na comunidade a que este estudo faz referência e é neste trânsito que mudanças podem se efetivar. Um exemplo contrário, menos democrático, disso que falamos é o modo como línguas naturais brasileiras são conhecidas a partir do relato de algum viajante, etnógrafo, jesuíta, botânico ou estudioso. Como se sabe, o ofício realizado por aquele que descreveu a língua serviu para usos diversos e contribuiu para uma diversidade de realizações que deixou aos Tupinambá de Olivença ortografias diferentes que, em seu uso de sala de aula, multiplicaram-se na escrita de cada um dos professores.

Em Gramáticas seiscentistas e reimpressas no século XIX, assim se diz da ortografia Tupinambá:

A letras, de que se usa n'esta língua são as seguintes: A, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, Q, R, T, U, X, til. Ficam excluídas F, L, S, Z. Também não se usa rr dobrado ou áspero (FIGUEIRA, 1880, p.11)

Nesta língua do Brasil não há f, l, s, z, rr dobrado nem muta com líquida, ut cra, pra, etc. Em lugar de s em princípio ou *medio dictionis* serve ç com zeura, ut Açô, çatâ. (ANCHIETA, 1595, n.p.)

O primeiro passo do processo de revitalização da língua foi a reunião, em uma assembleia democrática, com a finalidade de convencionar-se uma ortografia única para a língua. Nesta assembleia os índios elegeram quais letras representariam melhor os sons da língua. Para cada som da língua foi apresentada uma lista das várias possibilidades de ortografia/escrita presentes nos diferentes autores, apontando-se as vantagens e desvantagens de cada escolha e levando-se em conta, em todos os casos, as necessidades da escola e do ensino desta língua. Os critérios utilizados não foram somente os linguísticos em si (relação da fonologia com a ortografia, morfologia, etc.), mas levou-se também em conta critérios didático-pedagógicos, sociais (identitários) e até estéticos.

O alfabeto Tupinambá é composto por 24 símbolos no total: 18 para consoantes e 6 símbolos para vogais. Em um contexto de ensino bilíngue e tendo a língua portuguesa como língua majoritária havíamos de considerar que a convenção de uma ortografia não seria uma escolha simples. Alguns símbolos foram apresentados numa assembleia em 07/11/2010, observando-se 1) os (vários) padrões ortográficos já adotados historicamente, 2) o fato de os Tupinambás terem o português como língua materna e 3) as possíveis consequências didático-pedagógicas que determinada escolha poderia suscitar.

Nesta Assembleia, a professora Consuelo Costa apresentou um quadro com as possibilidades de grafia de cada fonema. Abaixo do quadro **Letra** dispúnhamos símbolos possíveis para o fonema em questão, apresentando ao lado as **vantagens** e **desvantagens** de cada escolha em relação à escrita, ao aprendizado e ao valor no sistema fonológico do Tupi e, em alguns casos, a relação que poderia existir entre o sistema fonológico da língua portuguesa e da língua Tupi, já que não podemos desconsiderar o fato do português ser a língua majoritária entre os Tupinambá.

Abaixo de cada tabela foram apresentados exemplos de palavras em Tupi para cada um dos usos possíveis na escrita. Por fim, analisando o resultado visual de cada escolha, a comunidade elegeu em diálogo o símbolo de sua preferência, os quais foram grafados em um quadro logo abaixo das palavras. Nesta assembleia, apresentaram-se tabelas semelhantes a esta.

**Possibilidades:** [?] - tem no português, em palavras como "casa", "quilo".

Letra	Vantagens	Desvantagens
C	Usamos no português	No próprio português, seu uso é pouco produtivo, criando problemas como (ca, co, cu) X (ce, ci X(que, qui)
K	Seria somente uma letra para todas as vogais (ka, ke, ki, ko, ku)	Não usamos no português

**Exemplos:**

**"bom, verdadeiro"**

catu

katu

**"este"**

co

ko

**"dormir"**

quer

ker

**Símbolo escolhido pela comunidade:**

K

**Fonte:** Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010). Acervo Projeto Tupinambá.

Após a explanação das vantagens e desvantagens para cada símbolo eleito, as lideranças, professores e outros membros da comunidade decidiram em votação qual o símbolo mais apropriado para seu interesse. Sendo democrática e esclarecida, cabe lembrar que esta convenção ortográfica pode ser revista e modificada a qualquer momento, se esta for a necessidade e desejo da comunidade: fazendo uma reforma ortográfica democrática. Isso pode ocorrer, por exemplo, a fim de melhorar o desempenho pedagógico ou, na medida em que atividades forem aplicadas na escola e a devolutiva dos alunos pelos exercícios indicarem caminhos de acertos ou para futuras revisões nestas escolhas.

Ao final, obtivemos resultados como estes apresentados na tabela a seguir:

**Possibilidades:** [?] som do português da palavra "ganhar", escrito com nh

Letra	Vantagens	Desvantagens
Nh	é usado com o mesmo valor no português	é um dígrafo
î	é um símbolo único	é uma vogal usada para representar uma consoante. Trás um diacrítico não usado no português para a vogal "i"
J	é um símbolo único é uma consoante	é usado com outro valor fonético no português.

**Exemplos:**

<b>"nós todos"</b>	<b>"fala"</b>	<b>"correr"</b>
nhande	nhe'eng	nhãñẽ
îande	îe'eng	îãñẽ
jande	je'eng	jãñẽ

**Símbolo escolhido pela comunidade:**

î

**Fonte:** Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010). Acervo Projeto Tupinambá.

Para este caso, a motivação da escolha foi estética, já que eles consideram a língua Tupi uma "língua diferente" da língua portuguesa e, por isso, seria justo que sua ortografia fosse também diferenciada. As motivações das escolhas eram variadas (BERRY, 1968), havendo que se levar em conta, além dos critérios linguísticos, também outros políticos, sociais, didático-pedagógicos e até "estéticos".

No exemplo que se segue abaixo, para a fricativa bilabial sonora [b] a escolha foi pautada no trabalho pedagógico que já estava encaminhado em sala de aula. A letra "b" era conhecida dos alunos e, assim, eles não teriam o desafio para assimilar mais uma letra, como o "w".

**Possibilidades:** [b] - não tem no português, mas tem no espanhol: "caballo", "veinte", escrevendo-se com "b" ou com "v"

Letra	Vantagens	Desvantagens
B	Aparece na maioria das ortografias. É bilabial	é usado com outro valor fonético no português. Pode confundir com o som de "b", pois não é oclusiva.
V	é uma fricativa	é usado com outro valor fonético no português. pode confundir como som de "v", pois não é labiodental.
W	é uma letra que não usamos no português.	É uma letra "diferente" podendo confundir com o som de "u"

**Exemplos:**

**"Homem"**

aba

ava

awa

**"rosto"**

toba

tova

towa

**"Terra"**

yby

yvy

ywy

**Símbolo escolhido pela comunidade:**

B

**Fonte:** Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010). Acervo Projeto Tupinambá.

Algumas escolhas demandaram uma explicação do som, pois o sistema fonológico do Tupi é diferente do português, língua usada na comunidade. Exemplo disso é da glotal [ʔ], que apresentamos do seguinte modo:



Guérios (1980) apresenta como exemplos dessa confusão as palavras a partir dos empréstimos do tupi para a língua portuguesa.

Por que as palavras portuguesas de origem tupi, nas quais há o fonema **s**, são grafadas com **c**, **ç** e não com **s**, **ss**? Sejam exemplos **Ceará**, **Ceraíma**, **Cemoaba**, **cipó**, **ciricica**, **igaçaba**, **piracema**, **jacina**, **paçoca**, **muriçoca**, **Iguaçu**. Será que foi tão-só uma convenção, como, por ex. **sapato**, em ve de **capato**, **sujo**, em lugar de **çujo**? (GUÉRIOS, 1980, p.129)

Para Guérios (1980) os fonemas que são semelhantes em línguas diferentes são reproduzidos sem modificação. Já aqueles que são desconhecidos são "adaptados", passam pelo filtro da língua do falante. Para este caso Anchieta (1595) transcreve **c** e **ç** em vez de **s** (surdo). Guérios (1980) diz que a convenção do uso entre **c** e **ç** para a língua da costa não é "desprovida de base, mas assenta-se na representação relativamente perfeita do tupi elaborada pelos missionários (GUÉRIOS, 1980, p.131)". Para Guérios (1980) a diferença na representação gráfica entre **C** (ce, ci) e **Ç** "apoia-se, de modo incontestado, na articulação de um fonema tupi, uma africada sibilante surda, mais ou menos equivalente ao 'theta' grego, ao espanhol ou menos equivalente ao inglês **th** em vocábulos como **third**, **truth**, etc" (GUÉRIOS, 1980, p.131).

Guérios (1980) apresenta a distinção no português arcaico entre o **c** (ce, ci), **ç** e **s** (ss), semelhante à língua brasílica. Para Guérios (1980) essa diferenciação é por causa da presença de dois fonemas diferentes utilizados até o seiscentos na língua portuguesa, "embora não estejam concordes os estudiosos quanto ao tempo no qual se dera a confusão com **s**, e conseqüente desaparecimento da articulação interdental fricativa (GUÉRIOS, 1980, p.132)". Para Guérios (1980) essa imprecisão da mudança fonética do português arcaico levou Anchieta "e os demais ao ouvirem, portanto, o som, aqui representado por **ts** da língua tupi (GUÉRIOS, 1980, p.132)" e registrarem esse som com o **c**, **ç**, **s**, **ss**.

Para confirmar essa hipótese, Guérios (1980) cita as transcrições de Jean de Léry (1578) e Claude d'Abbeville com **s**, **ss** porque "na língua francesa, já no século 13, o som **ts**, proveniente de **c + e, i** latino, reduziu-se a **s** grafado **c**: **cerf**, **cité**, etc. e, em consequência, veio a concorrer com **s-** e **-ss-**: **sept**, **masse**, etc (GUÉRIOS, 1980, p. 132)". Guérios (1980) cita variações atuais da família do tronco tupi que conservam ainda este fonema, como é o caso do do tupi amazônico. Se por um lado as escolhas dos Tupinambás em Olivença minimizam essas confusões, por outro torna mais complexo o estabelecimento

do vocabulário para a nova ortografia. Para cada um desses sons diferentes, foi escolhido uma letra para representar graficamente, o que nos levou a seguinte apresentação:

**Possibilidades:** [ʒ] - tem no português, representado por várias letras diferentes: "sapo", "passo", "aço", "próximo", "nascer"

Letra	Vantagens	Desvantagens
S	Tem no português, porém, entre vogais tem som de "z". No Tui não há som de z, portanto, deveria ser "s" em todos os lugares.	Teria o risco de ler-se "z" entre vogais, "asu"
s/ss	Aproxima-se do uso no português	Uso que, aliás, não é muito produtivo, pois requer um dígrafo
Ç	Presente em muitas ortografias Não é usado no português em início de palavra, nem diante de "e,i"	Se escolhermos o k, para (ka, ke, ki, ko, ku), não há motivo para termos o "ç". Pode causar confusão com "s" e "ss"

**Exemplos:**

**"sapé"**

sape

sape

çape

**"grande"**

asu

assu

açu

**"barulho"**

sininga

sininga

çininga

**Símbolo escolhido pela comunidade:**

s

**Fonte:** Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010). Acervo Projeto Tupinambá.

Para a fricativa [x] foi escolhida a letra "x", do seguinte modo:

**Possibilidades:** [x] - tem no português, representado por várias letras diferentes: "xícara", "chave", "shampoo".

Letra	Vantagens	Desvantagens
X	É uma única letra. Usada na maioria das ortografias do Tupi.	Essa letra tem também outros sons no português, como "exame", "taxi"
Ch	Não representa outros sons no português, como ocorre com o "x"	É um dígrafo
Sh	É "diferente" esteticamente	É um empréstimo do inglês, usado em poucas palavras no português. É um dígrafo.

**Exemplos:**

**"eu"**

Xe

Che

She

**"machado"**

axa

Acha

Asha

**"maldade"**

poxy

Pochy

Poshy

**Símbolo escolhido pela comunidade:**

x

**Fonte:** Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010). Acervo Projeto Tupinambá.

A comunidade optou, ainda, por não marcar todas as nasais das palavras como "tupã" e nem por dispor acentos gráficos nas oxítonas, pois que a grande maioria das palavras Tupinambás são oxítonas, o que nos leva a marcar apenas as exceções. Outra diferença do vocabulário Tupinambá de Olivença dos demais cursos de Tupi Antigo em voga atualmente é a opção por não utilizar hifens nem pontos para separar morfemas de palavras.

Nesta assembleia, colhemos alguns resultados fundamentais para a fixação da ortografia Tupinambá e para a realização deste Vocabulário. Além desta assembleia reportamo-nos a estudos recentes para as línguas de família tupi (RODRIGUES, 1953, 1994, 2010; BORELLA, 2000). Além disso, cotejamos descrições históricas como as *Artes de Gramática* de José Anchieta e Luiz Figueira para encontrar "pistas" sobre uma possível reconstrução do sistema fonológico do Tupi Antigo através das informações que constam nesses textos sobre a relação entre "letras" e "pronúncias", tornando o ensino bilíngue nas escolas Tupinambá mais viável.

## Referências

ANCHIETA, José. *Arte da Gramática da Língua mais usada na costa*. Antonio de Mariz, Coimbra 1595.

BERRY, J. "The making of alphabets". In, FISHMAN, J. *Readings in the Sociology of Language*. Paris/New York: Mouton Publishers/The Hague, 1968.

BORELLA, Cristina de Cássia. *Aspectos morfossintáticos da língua Aweti (Tupi)*. Mestrado. Unicamp, Campinas, 2000.

GUÉRIOS, Mansur R. F. *Transcrição portuguesa de um fonema tupi*. Revista Letras, n. 29, 1980. p. 129-136.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Curso Moderno de Tupi Antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 3ª ed. Global: São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. In: *Letras*, 1. Curitiba, 1953, p. 121-152.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola, São Paulo, 1994.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português no Brasil. IN: (orgs). NOLL, Volker & DIETRICH, Wolf. *O português e o Tupi no Brasil*. Contexto, São Paulo, 2010.

Artigo recebido em: 20 de outubro de 2019

Aprovado em: 02 de maio de 2020

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Clara Carolina Souza Santos** é uma professora e pesquisadora com experiência na área de letras, com ênfase em língua portuguesa. Atua principalmente nos seguintes temas: memória, línguas naturais, argumentação e literatura brasileira.

**Contato:** [claracarolina@gmail.com](mailto:claracarolina@gmail.com)

**ORCID:** [0000-0002-1388-631X](https://orcid.org/0000-0002-1388-631X)

**Karine Silva Porto** é uma professora e pesquisadora com experiência na área de história, história da arte e sociologia. Atua na docência superior e básica. Coordena o Núcleo de Estudos do Direito Contemporâneo da Faculdade Santo Agostinho de Vitória da Conquista. Foi a responsável pela elaboração do Plano Museológico do Museu Regional de Vitória da Conquista/Bahia.

**Contato:** [karines@fasa.edu.br](mailto:karines@fasa.edu.br)

**ORCID:** [0000-0002-7883-0085](https://orcid.org/0000-0002-7883-0085)